

## **Eleições argentinas: impactos para o Brasil e perspectivas para o Mercosul**

Embora as eleições argentinas e seus impactos no Mercosul e na relação com o Brasil gerem mais perguntas do que respostas, a mesa redonda realizada pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) nesta última segunda-feira, 21 de outubro, esclareceu aspectos importantes do cenário atual no país vizinho. Foram discutidas a interação entre os dois países e, sobretudo, as possíveis perspectivas do resultado eleitoral deste próximo fim de semana.

As expectativas principais apontaram a repetição do resultado das eleições Primárias Abertas, Simultâneas e Obrigatórias (PASO), com a vitória do candidato peronista Alberto Fernández. Ele obteve 48% dos votos em agosto, 16 pontos percentuais acima dos 32% alcançados pelo atual presidente, Mauricio Macri. Fernández foi chefe de gabinete dos governos de Néstor e Cristina Kirchner, entre 2003 e 2008.

As principais questões levantadas foram: haverá uma transição acordada e colaborativa entre o governo atual e o próximo, nos 44 dias que separam o pleito do dia da posse? Como evoluirão os contatos do governo eleito com outras partes, sobretudo com o Fundo Monetário Internacional (FMI)? Como a nova administração reagirá à indicação brasileira pela redução da Tarifa Externa Comum (TEC), assumindo o histórico protecionista do peronismo?

Na relação bilateral Brasil-Argentina, conseguirão os dois países evoluir de desavenças de retórica no período pré-eleitoral em direção a um maior entendimento, como países vizinhos com relacionamento comercial importante e envolvidos em empreendimentos comuns, como o Mercosul? Ainda nesta dimensão, qual seria o futuro do bloco em eventual quadro de assimetrias de visão de mundo dos dois países?

### **Escalada retórica**

“Argentina e Brasil não tem opção a não ser seguirem juntos, isso é uma inevitabilidade”, aponta o Embaixador José Botafogo Gonçalves, Vice-Presidente Emérito do CEBRI. Para os debatedores, não existiria nenhum incentivo lógico para uma escalada retórica entre as administrações de cada país, a partir da posse do novo

governo argentino, pelos efeitos que traria para as duas economias, para a governança do Mercosul e, finalmente, para o acordo com a União Europeia.

“O que vai acontecer com a relação vai depender de duas coisas. Por um lado, da recuperação da economia argentina, se ocorrer, a partir de 2021, e a sabedoria mútua das duas direções políticas para deixar desavenças de lado, sentar para conversar e traçar um destino comum”, analisa o economista Fabio Giambiagi, Chefe do Departamento de Pesquisa Econômicas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A Argentina enfrenta recessão econômica, aumento da pobreza, inflação elevada – da ordem de 55% anualizada –, e forte desvalorização do peso. O quadro fiscal argentino se deteriorou. A situação refletiu no Brasil. No acumulado de 9 meses do ano, as exportações brasileiras para a Argentina recuaram quase 40%. As importações encolheram 4,8%.

Os dois países são parceiros significativos. O Brasil é o principal destino para as exportações da Argentina, que hoje é o quarto maior parceiro comercial brasileiro. Na prática, itens industrializados têm grande peso na pauta de exportações brasileiras para o país vizinho, como automóveis para passageiros, autopeças e veículos de carga.

### **Entendimentos com o FMI**

Os entendimentos com o FMI, segundo os debatedores, assumem relevância para os próximos meses. O diretor-geral da Fundação Centro de Estudos em Comércio Exterior (Funcex), Ricardo Markwald, alerta que o curto prazo é importante na crise argentina e indica que o diálogo com o FMI será parte importante na transição de governo.

Ele complementa que, caso a eleição seja definida no domingo, seria lógico imaginar algo como uma visita oficial argentina ao FMI, idealmente com um representante do governo eleito, o que favoreceria o processo de transição, lembrando o exemplo dado na transição política brasileira nas eleições de 2002. Reconhece, no entanto, que o acirramento da disputa eleitoral dificulta uma transição desta natureza.

O integrante do Comitê Executivo do Centro Argentino de Relaciones Internacionales (CARI), Rosendo Fraga, reconheceu o risco de a transição política na Argentina transcorrer de forma não acordada, reverberando ainda o confronto eleitoral.

Pondera, contudo, que os resultados da votação no Congresso e a necessidade de agir rapidamente na economia poderiam tornar a transição mais dinâmica.

Fato é que, neste momento, enquanto a economia brasileira não iniciou retomada expressiva da atividade, o país vizinho segue em sua crise. Em condições normais, afora a batalha eleitoral, seria até possível identificar avanços entre os dois países e para o bloco. O Mercosul evoluiu no acordo com a União Europeia. Além disso, o bloco recém definiu o acordo automotivo e tanto Argentina quanto Brasil preparam-se para ingressar na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

### **Peronismo**

Fabio Giambiagi apresentou a evolução do peronismo, avaliou a economia argentina e a relação bilateral Brasil-Argentina. Para definir o peronismo, o economista trouxe trecho da carta escrita pelo próprio Juan Domingo Perón a Carlos Ibáñez, então presidente do Chile: "Dê ao povo tudo o que for possível. Quando lhe parecer que você está dando muito, dê mais. Você verá os resultados. Todos irão lhe apavorar com o espectro de um colapso econômico. Mas tudo isso é uma mentira. Não há nada mais elástico que a economia, que todos temem tanto porque ninguém a entende".

Por paradoxo, Giambiagi explica que justamente a situação fiscal argentina piora durante a gestão Macri. "Se você olha os números fiscais, qualquer um aqui no Brasil diria que trata-se de um governo populista", comentou. Em paralelo, não havia, segundo o economista, a percepção da crise na economia por parte da população argentina. "Talvez o primeiro grande erro tenha sido não ter exposto a realidade plena à população", afirma.

Giambiagi analisa ainda que existe o risco de uma escalada retórica entre as administrações brasileira e do eventual futuro governo de Alberto Fernandez, de centro-esquerda. Todavia, indica que, em paralelo, haveria vantagens de os dois países procurarem "jogar juntos" em benefício do Mercosul, dada a intensidade do empenho político dos dois países no projeto comum nas últimas décadas.

"As duas perguntas que cabe fazer são as seguintes. O presidente Fernández, se for eleito, terá espaço dentro do peronismo, onde confluem forças protecionistas poderosas, para aceitar a postura brasileira pró-abertura (comercial)? A segunda, os países terão habilidade para se engajar nesse processo de negociação ou se deixarão levar pelo radicalismo?", pondera Giambiagi.

### **Cooperação regulatória com a Aliança do Pacífico**

As informações são de que o governo brasileiro trabalha com a perspectiva de redução da TEC para os próximos anos. A mudança das tarifas de importações sobre produtos oriundos de fora da região seria tratada ao longo deste ano entre os parceiros do Mercosul e, acredita-se, seria definida ainda no fim do ano, em dezembro – tudo a depender, agora, dos resultados das eleições na Argentina.

“As conjunturas eleitorais sempre irão ocorrer. Haverá sempre mudanças de poder. A democracia envolve mudanças de poder a cada 4 ou 5 anos”, comenta o Vice-Presidente Emérito do CEBRI, citando as eleições na Argentina, Uruguai e Bolívia este ano.

O Embaixador José Botafogo Gonçalves vislumbra o potencial de a relação bilateral Brasil-Argentina ainda se tornar um guia, um motivador de um entendimento amplo de crescimento da América do Sul e a importância de ativar uma agenda de cooperação regulatória do Mercosul com a Aliança do Pacífico.

Nesse meio tempo, como consenso do debate, ficou a indicação de que será necessário acompanhar a confirmação ou não dos resultados do pleito deste próximo domingo (27.10) e observar seus desdobramentos. “Diria que é um momento de paciência estratégica, até como foi comentado na própria mesa-redonda. Em prol da integração regional, temos que torcer para os ânimos se acalmarem”, resumiu Denise Gregory, Senior Fellow do CEBRI e Professora do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio.

**Nilson Brandão, Gestão de Conteúdo e Comunicação**